

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA E NAS PRÁTICAS SOCIAIS

Camila Drielly Barcelos
FEESU/FUPAC
camila_drielly@hotmail.com
Bill Robson Monteiro Lisboa
FEESU/FUPAC
billrobsonmg@hotmail.com

Resumo expandido

O presente trabalho constitui um relato de experiência com a temática “Relações de Gênero” como conteúdo desenvolvido a partir do componente curricular de Educação em Direitos Humanos como disciplina que faz parte do currículo do segundo período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia. O estudo desenvolvido na disciplina de Educação em Direitos Humanos quebrou uma série de paradigmas e estereótipos demarcados pela sociedade como “corretos”, fazendo com que conseguíssemos compreender, construir e associar as nossas atitudes com acontecimentos cotidianos.

Como as relações de gênero se apresentam na sociedade atual? Esta é uma questão que tem ganhado visibilidade. Avanços legais e programáticos legitimam a necessidade de se trabalhar essa temática em interface com práticas educativas e apontam os impactos que esse trabalho, ou ausência dele, pode produzir no processo de ensino-aprendizagem. Em seu trabalho cotidiano, a escola demarca espaços, institucionaliza comportamentos e legitima discursos sobre os corpos e os gêneros, geralmente **separando** práticas do feminino e do masculino. (SOARES; ALVES; SOUZA, 2014, p.43 **Grifo nosso**)

Na escola e nas práticas sociais estão repletos de normas impostas às pessoas, sobretudo quando se refere às questões de gênero. As desigualdades destas relações ultrapassaram gerações e se perpetuam nas culturas contemporâneas desta forma, mudanças devem começar no âmbito educacional, uma vez que, a escola é o lócus em que várias culturas se encontram, e o que cada criança desenvolve e cria nesse espaço é levado com ela para outros ambientes e sucessivamente até a vida adulta. Frequentemente ao entrar numa escola encontramos as meninas jogando vôlei e os meninos futebol numa aula de educação física, essas atividades quase sempre são demarcadas como a primeira de “menina” e a outra de “menino”. É importante (re)pensar essa prática de separação dos padrões feminino e masculino, para que ambos consigam compreender que: a forma de falar, brincar, se vestir e de se comportar não os fazem melhores ou piores que outras pessoas. Desse modo, as práticas educacionais voltadas para a desconstrução de estereótipos de gênero que a sociedade impõe, podem edificar positivamente a forma como os grupos se relacionam, diminuindo os preconceitos existentes nos dias atuais e a segregação na escola e na sociedade. As relações de gênero estão inseridas em todas as ações socioculturais existentes. Antes do nascimento, as pessoas já têm seus papéis sociais constituídos através dos seus aparelhos reprodutores que os classificam como feminino e masculino e, que conseqüentemente os intitulam como homens e mulheres. Essas atribuições interferem no cotidiano de cada ser humano pelo simples fato de demarcarem a cor rosa como a cor das meninas e a azul como a cor dos meninos, no ato de brincar subjugam que, meninas brincam de bonecas e meninos com bolas, e ainda afirmam que mulheres

precisam ser delicadas e sensíveis, e os homens brutos e fortes. Esses estereótipos criaram desde os primórdios, diferenças que ultrapassaram anos e séculos e continuam vigentes na sociedade atual. A mulher, mesmo que de uma forma camuflada, é vista ainda como aquela que deve cuidar da casa e dx¹s filhxs, tendo o marido como “chefe” da casa, a qual ela é totalmente dependente. No ambiente do trabalho, mulheres ainda são tratadas com indiferença, tanto no âmbito profissional (quanto ao salário que recebem) como no espaço privado, que geralmente elas ocupam como a casa e a educação dxs fillxs. Através de estudos e constantes observações sobre como essas relações interferem de forma negativa no meio em que vivemos, percebemos que o termo gênero e as suas possibilidades devem ser trabalhados e construídos diariamente com as crianças desde a educação infantil, desta forma, cada criança carregaria com ela, conceitos importantes que contribuiriam para a vida adulta no âmbito social, emocional e financeiro. Ao realizar um estágio numa escola Privada de educação infantil em Uberlândia, notamos que as crianças de zero a cinco anos já vinham de outros espaços sociais com características e conceitos cristalizados que a sociedade impõe sobre o que uma menina e um menino, por exemplo, deve usar, falar ou fazer. Repletas de estampas das princesas da Disney e dos super-heróis da Marvel, nas brincadeiras elas sempre se dividiam em meninas de um lado e meninos de outro. Desta forma, decidimos montar algumas atividades para começar a desconstrução desses estereótipos de gênero. Colocamos alguns objetos de cores rosa, lilás, azul e verde, embaixo de potes esses objetos deveriam ficar sob cuidado de cada criança durante uma semana, o espanto e a resistência quando ambos pegaram os objetos com cores que elxs não estavam acostumadxs foi inevitável. Neste momento explicamos para elxs que essas cores não diziam nada sobre o que cada criança representava, eram apenas cores, meros objetos, assim como as bonecas, bolas e carrinhos, e que cada um poderia brincar e escolher qualquer brinquedo, porque essas escolhas não as fariam melhor ou pior que as outras pessoas. No início as crianças ficaram um pouco apreensivas, mas com o passar dos dias algumas meninas passaram a variar nas cores das roupas, brincando com bolas e carrinhos e os meninos passaram a participar dos piqueniques e das brincadeiras de casinha com as colegas. No final do estágio havíamos conseguido desconstruir, mesmo que pouca, a caracterização do que as crianças devem ou não fazer relacionadas ao gênero, contribuindo de forma significativa para que elas futuramente consigam lidar com as peculiaridades, fazendo com que isso seja positivo para o meio social a qual ela estará engajada.

Palavras-Chave: Relações de Gênero; Estereótipos; Menino e Meninas;

Referência

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SOARES, Cláudia Caldeira; ALVES, Cláudio Eduardo Resende; SOUZA, Magner Miranda. Relações de gênero na educação infantil. **Presença Pedagógica.** v.20, n 119, set/out 2014.

¹ Utilizamos durante este o texto o x como linguagem política e inclusiva que aborda toda multiplicidade de gênero.